

Descrição Geográfica e Política do Distrito de Campos dos Goytacazes - 2ª Parte (1785)

Victor Luiz Alvares Oliveira
Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.
victor.alvares@outlook.com
 <https://orcid.org/0000-0002-4866-2076>

O final do século XVIII na América portuguesa viu o surgimento de relatórios sobre a produção e o comércio de diferentes regiões, de mapas que contabilizavam a população de vilas e capitâncias, além de vários documentos de teor investigativo sobre as riquezas naturais da terra brasílica. Eram reflexos das mudanças que a Coroa portuguesa implementava na relação com as suas conquistas, priorizando cada vez mais o conhecimento como meio para a exploração racional das várias potencialidades que as terras de além-mar guardavam¹. Um grande exemplo deste tipo de fonte foi escrito pelo capitão de infantaria Manoel Martins do Couto Reis em 1785: a *Descrição Geográfica, Política e Cronográfica do Distrito dos Campos Goaitacás*, um dos distritos milicianos da capitania do Rio de Janeiro. Até hoje trata-se de um dos relatórios mais completos sobre um distrito do Rio de Janeiro colonial, oferecendo amplas informações sobre a fauna, o relevo, a hidrografia, a sociedade e a economia da região de Campos. Manoel do Couto Reis ainda fizera um mapa topográfico do distrito, assim como tabelas descrevendo os cativos, filhos, gado e produções das famílias que residiam nas freguesias do Campo dos Goytacazes².

Apesar de rico em informações e servindo como base para importantes trabalhos da história social e econômica do Brasil colonial³, o documento cuja transcrição agora se apresenta vem cobrir uma lacuna que ainda persistia na fonte. Trata-se de uma continuação que complementa e conclui as ideias do documento original que está no Arquivo Municipal de Campos dos Goytacazes,

- 1 Sobre esse tema em geral, conferir a obra clássica de Francisco José Calazans Falcon. *A Época Pombalina: política econômica e monarquia ilustrada*. São Paulo: Ática, 1982, assim como os artigos de estudos mais recentes publicados em Claudia Rodrigues, Francisco José Calazans Falcon. *A "Época Pombalina" no mundo luso-brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015.
- 2 Manoel Martins do Couto Reis. *Manuscritos de Manoel Martins do Couto Reis, 1785: descrição geográfica, política e cronográfica do Distrito dos Campos dos Goytacazes*. Pesquisa, transcrição e edição de Fabiano Vilaça dos Santos, Carlos Roberto Bastos Freitas e Rafaela Machado Ribeiro; introdução de Arthur Soffiati. Campos dos Goytacazes/ Rio de Janeiro: Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima/ Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 2011.
- 3 Ver principalmente Sheila de Castro Faria. *A Colônia em Movimento: fortuna e família no cotidiano colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

apresentando a conclusão da “Descrição Geográfica e Política – Parte 2^a” onde Manoel do Couto trata dos aspectos sociais e políticos das freguesias que compunham o antigo distrito goitacá. O documento ainda inédito encontra-se no Arquivo Histórico do Exército, no Rio de Janeiro, sob o título “parte de uma memória sobre Campos de Goiatacazes (sem designação de autor)”⁴.

Encontrei-o no arquivo citado em uma tarde de janeiro quando estava pesquisando documentos para a minha tese de doutorado⁵. Como busco tratar da população de lavradores no Rio de Janeiro e Campos dos Goytacazes na virada do século XVIII para o XIX, tal documento misterioso rapidamente teve a minha atenção. No decorrer da sua leitura pouco a pouco as minhas suspeitas sobre o seu autor foram aumentando: seria o célebre militar que fez trabalhos de topografia em Campos?

Voltando para casa, debrucei-me sobre o *Manuscritos de Manoel Martins do Couto Reis 1785*, versão do documento setecentista publicada pelo Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro em parceria com o Arquivo Público Municipal de Campos dos Goytacazes. Praticamente confirmei minhas suspeitas quando, ao retomar a leitura da parte intitulada “Descrição Geográfica e Política – Parte 2^a”, deparei-me com o repentino fim do texto, que terminava da seguinte forma:

(...) da sua melhor e mais vigorosa sustância (das canas): praticando-se assim (a plantação das canas entre Fevereiro a Abril), renascem sucessivamente alguns anos, sem que em algum haja falha; o que não acontece quando as plantações se fazem em outra qualquer ocasião; porque indispensavelmente por crescerem com mais vagar, vêm a falhar na continuada produção, em razão de que na safra seguinte ainda não tem crescido tanta, que seja capaz de bom rendimento na [sic] [fl.80] [fls. 81-104, em branco]⁶

Como se aponta na edição do documento, entre as folhas 81 e 104 existia somente um espaço em branco, deixando assim a fonte incompleta. Acontece que eram estas justamente as folhas com que se iniciava e terminava o documento depositado no Arquivo Histórico do Exército, continuando de forma harmônica o final do texto publicado na transcrição da fonte:

na factura do açúcar; e em tal caso, ou se deverão aproveitar como estiverem ou se deixarão passar adiante, para que cresçam mais; porém então tem o perigo de receberem as ruínas que ocasionam as demasiadas chuvas, ou os grandes e continuados ardores do sol⁷.

Além disso, apesar de nunca ter consultado o documento original in loco, as imagens das suas folhas que foram publicadas junto da transcrição demonstram o mesmo tipo de letra e estrutura de diagramação, reforçando a hipótese de que se tratam de obras do mesmo autor.

4 “Parte de uma memória sobre Campos de Goiatacazes (sem denominação de autor)”. Arquivo Histórico do Exército. Coleção da Comissão de História do Exército, série Estado Maior, sub-série Avisos, 1832-1847, estante I-23, prateleira 22, número 750h.

5 Cabe uma nota de agradecimento à Ana Taisa da Silva Falcão por me apontar o Arquivo Histórico do Exército e suas possibilidades para a minha pesquisa.

6 Manoel Martins do Couto Reis, *op. cit.*, p. 124.

7 “Parte de uma memória sobre Campos de Goiatacazes”, *op. cit.*, fl. 81. O documento do Arquivo Histórico do Exército começa com a folha 81, assinalada na lateral superior das folhas, dando sequência na numeração até terminar na folha 104.

No dia seguinte, caminha-se pela mesma forma per sime
do Combro, no monte alto, pacar o Kanulo⁽⁶⁾, e depois chegar-se ao
Viego. (7)

Atravessa o Rio Capivara, e mudando-se de rumo, e
de estrada parte o Campo da Boa Vista, e nesse direto entra-se em
outro bosque torna-se a Campo, e vai-se a passagem de S.
Amaro. (8) continua-se amarre, e confrontando-se com a Capella,
mudase de rumo, para a S. Bento, o Curral dos Coqueiros, e humas-
limitados arbustos, alhe que se entra no Campo tempo, e passado este
segue a estrada grande, pacar-se por S. Gonçalo, e Visconde, e chega-
se a Villa de S. Salvador.

Summario das distâncias que
há de Macaé a os lugares mencionados alhe a
Villa de S. Salvador.

	Segovas	Bracas
O Barro	2%	70
Cruz das Almas	2%	720
Carapibus	2 1/2	150
Pauista	4 1/2	600
Sous	6 1/2	700
Vila da	8 1/2	150

Imagen 1: parte da folha 97 do documento no Arquivo Histórico do Exército.

É difícil saber por que parte deste documento acabou no Arquivo Histórico do Exército. Sabe-se que a fonte original não teve vida fácil. No estudo introdutório do documento assinado por Arthur Soffiati, publicado juntamente com a transcrição, temos notícia de que o manuscrito fazia parte do conjunto documental de Alberto Frederico de Moraes Lamego, famoso escritor e colecionador de documentos que fixou residência em Campos. Este, por sua vez, teve o seu acervo documental adquirido pela Universidade de São Paulo na década de 1930. Apesar disso, de alguma forma o manuscrito e o mapa topográfico voltaram para Campos em coleções particulares, onde então o escrito já se encontrava com lacunas de algumas folhas: da 49 a 52 e da 81 até 104, estas últimas que agora se publicam aqui⁸. Provavelmente no descaminho entre os arquivos da Universidade de São Paulo até Campos dos Goytacazes parte da fonte terminou por ficar no Arquivo Histórico do Exército.

8 Arthur Soffiati. "Introdução: andanças de um militar ilustrado pela capitania do Rio de Janeiro". In: Manoel Martins do Couto Reis, *op. cit.*, p. 24.

Manoel Martins do Couto Reis, nascido na vila de Santos por volta de 1750, desenvolveu uma próspera carreira militar, chegando até o posto de tenente-general em 1821, sendo ainda eleito para cargos eletivos pela capitania de São Paulo nos princípios do regime imperial brasileiro do século XIX⁹. Seu escrito sobre a população, os costumes e o comércio em Campos dos Goytacazes nos coloca diante de um documento interessantíssimo, criando descrições e análises argutas sobre o meio natural e social que o cercava. Intelectualmente dava mostras de sua relação com as ideias ilustradas ou de cunho agrarista que eram debatidas no seu tempo, a exemplo das discussões que ocorreram na Academia de Ciências de Lisboa¹⁰. A parte que ora se publica vem reforçar o teor propositivo dos seus escritos, voltados essencialmente para os representantes da Coroa portuguesa na América. Um pequeno exemplo disso se dá quando trata do desenvolvimento do cultivo de hortaliças no Rio de Janeiro:

Contase que no Rio de Janeiro, antes de entrarem nelle os Regimentos da Europa, havia pouca ortalice, e muito má, e que depois melhorou na qualidade, e cresceo na abundancia, que hoje vemos; porque quem fez ver o como ella se trata forão os ditos soldados. Daqui infiro, que mais lucro tirava o Estado dando baixa aquelles, que fizessem certo serem bons trabalhadores, e lavradores, e casando-os pelos Districtos de fora, do que telos no exercicio em que estaõ, e em lugar deles, sentar-se praça dos Vadios do Rio de Janeiro, e Campos dos Goaitacaz, que naõ se empregão em mais que na libertinagem descomedida.> tanto para lhes ministrarem os meyos mais expeditos como com o exemplo incitalos a desterrar os mal erdados estilos a execranda preguica.

Neste trecho, Manoel do Couto Reis mostra como era pessoa atenta com o que ocorria nas lavouras. Demonstrou isso também em outras oportunidades no documento, quando relata a conversa com um lavrador sobre a confecção de uma charrua ou então quando compara o regime de lavoura de cana entre os engenhos de Campos e do Rio de Janeiro. A crítica aos vadios e a busca por uma maneira de torná-los úteis para o Estado, inclusive, não era um ponto de vista exclusivo de Manoel do Couto Reis, encontrando respaldo em escritos das autoridades régias do período¹¹.

Por fim, ele termina com uma descrição dos caminhos e das rotas marítimas que poderiam ser utilizadas para o deslocamento no distrito. Mais uma vez dando provas da sua ênfase nos pormenores, faz uma detalhada descrição das vantagens e desvantagens de cada uma delas à medida que se percorria o trajeto entre diferentes pontos, principalmente da vila de São Salvador até outras paragens do distrito.

*

9 Idem, p. 21.

10 Muitas das digressões de Manoel do Couto Reis sobre temas como o comércio, o cultivo ou o desenvolvimento da agricultura, encontravam similitudes com o que era debatido nesta Academia fundada em 1779. Ver José Luís Cardoso. *O Pensamento Económico em Portugal nos Finais do Século XVIII, 1780-1808*. Lisboa: Editorial Estampa, 1989. Além disso, alguns historiadores vêm ressaltando como apesar de exemplificar ideias típicas da lógica da ilustração, Manoel do Couto Reis atuou na administração de fazendas, como a Fazenda de Santa Cruz no Rio de Janeiro, segundo lógicas e modelos anteriores de origem jesuítica, ordem religiosa a qual ele demonstrava respeito e interesse. Ver Carlos Engemann; Cláudia Rodrigues; Marcia Amantino. "Os jesuítas e a Ilustração na administração de Manoel Martins do Couto Reis da Real Fazenda de Santa Cruz (Rio de Janeiro, 1793-1804)". In: Carlos Engemann e Marcia Amantino (org.). *Santa Cruz: de legado dos jesuítas a pérola da Coroa*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013, pp. 291-314.

11 Sobre o tema, ver Silvia Hunold Lara. *Fragmentos Setecentistas: escravidão, cultura e poder na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

**"Parte de uma memória sobre Campos de Goiatacazes". Arquivo Histórico do Exército.
Coleção da Comissão de História do Exército, série Estado Maior, sub-série Avisos, 1832-1847,
estante I-23, prateleira 22, número 750h.**

[fl.81] na factura do açucar; e em tal caso, ou se deverão aproveitar como estiverem ou se deixaraõ passar adiante, para que cresçaõ mais; porem entaõ tem o perigo de receberem as ruinas que ocasionam as demasiadas chuvas, ou os grandes e continuados ardores do Sol.

Lavradores, que mudanças tem
feito na antiga cultura; qual he o genero do seu mayor
intererce, e qual a sua negligencia e falta de
curiosidade

A simples cultura da mandioca sempre praticaraõ estes lavradores, mas com taõ pouca applicaõ que nunca superabundaraõ as farinhas para hum comercio externo: no tempo presente ainda há menos, porque o ponto de mayor interesse he o de empregar as mayores forças no augmento das canas, de que entendem teraõ mayores vantagens.

A mandioca por esta causa ficou servindo unicamente para a cultura dos mais pobres, principalmente dos escravos, nos dias que lhes saõ concedidos; mas estes mesmos, em muita parte, cuidaõ mais nas canas, e fazem com seus Senhores huma espécie de Sociedade, para a moagem delas, recebendo a recompensa de custume. Com toda a decadencia da cultura na mandioca, se vê, não ficou totalmente preterida pela suma nececidade, que há de se lhe dar um grande uzo, e os mesmos Senhores de Emgenhos fazem plantar aquella quantidade que entendem bastará para sustento da familia, que tem das portas para dentro, bem que muitas vezes experimentaõ grandes faltas, que os obriga comprala de fora.

O Milho taõbem tem tido uma notável decadencia na sua cultura, naõ havendo para isto a menor razaõ, porque antigamente se ele fazia hum pequeno ramo de comercio bem interessante, e por produzir vantajosamente <(a) a produçao de milho he de mais de 250 por um nas partes mais fecundas, correndo bem o tempo> deveria naõ ficar em tanto esquecimento.

O Feijão tem levado o mesmo caminho: o Arroz sempre se cultiva em pouca quantidade e agora menos: a tempo, que sendo um genero muito proprio do Paiz, podia delle se tirar maravilhozas utilidades.

O Algodaõ [ilegível] encontrado na mesma deixaçaõ e desordem; por acazo sahe algum para fora, como antigamente, que naõ só hia mesmo em rama, e fiado, como também tecido em panos mais simples, em colchas, redes, e toalhas, deixando muitas utilidades; porem hoje sucede [fl.82] | muitas vezes | que não chegando para o consumo interno, venha muito da Capitania do Spirito Santo para remediar as faltas, que se experimentaõ.

Pelo que se tem manifestado, bem se deixa ver a superioridade, que lucrou este Districto, pela mutação da sua cultura; com a qual o consideramos mais augmentado em riquezas, e nos estabelecimentos de tantos Engenhos: porém, não deve deixar de se estranhar a falta de continuaçao nos generos precedentes, porque fariaõ sem estorvar as Canas, crescer as utilidades.

O Fumo, todos sabem, que nas areas produz com excesso, mas neste genero se não tem cuidado por negligência, ao mesmo tempo que não se pode duvidar, que havendo muito fará um

bom ramo de comércio, e seria utilíssimo para se empregar a occiosidade dos moradores da Villa de São João, que se queixão sem razão, chamando estereis as suas terras.

O Anil não he admitido, havendo a terra de produzilo tanto sem o menor benefício na plantação. Delle se não colheo mais, que o adiantamento de se conhecer pela experientia a sua perfeição.

O Café, e Cacau, já se vio plantado, dando esperanças de grandes conveniencias, no cazo, que se acrecente a sua cultura.

O Trigo, manifestou o mesmo, e não passou a confirmar a experientia da inegável fertilidade do Paiz.

A Cuxunilha avulta muito nas areas, menos em outras partes de terra mais sólida: eis aqui, que era outro genero muito próprio para entreter a pobreza, e desmazelo dos moradores da mesma Villa.

Mas, enquanto a Coxonilha, he dificultoza empreza vencer a repugnancia e descrorozidade de muitos, a que empreguem nella alguma atenção, e trabalho. Não me lembra que a visse plantada com algum prepozito, senão no Campo de Ubatuba, junto a Capivari em hum lugar chamado P[corroído]gueiras, e alli contei mais de 300 pez muito excellentes, e bem carregados do bixo.

O Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Vice Rey, como já dissemos, tem por todos os caminhos, ideado e inventado meyos de felicitar aos seus subditos, entruduzindolhes muitas novidades, que prometem grandes vantagens; porém a inércia dos homens, pugna pela parte contraria [fl.83] não valendo as repetidas persuaçoens com que aquelle Senhor os anima, e nem as grandes recomendaçoeñs, e Ordens, que dirige a muitos Officiaes dos Districtos, os quaes por serem dotados de hua [sic] reprehensível negligencia, desmazelo e pouca coriozidade, não executão quanto podem; porque tem hum molde muito próprio em que forjão promptissimas disculpas. Se a prespicacia da vista de quem manda chegasse a registar o lugar para onde encaminha as suas dispozicoens, sem duvida veria nellas a bem merecida execução, e se não intreteriaõ as patranhas ocultas debaixo do vil engano.

Porém, naõ he muito, que as couzas incognitas ao conhecimento de rusticos, não se adiantem, quando vemos, que a falta de coriozidade e desmazelo he tanta, que entre elles he raro aquelle que tem hum pomar de laranjeiras ou de outras arvores de prestimo. O que mais se apresenta saõ os Limoeiros, que se não fora a precizaõ delles para a serventia das cercas, não haveriaõ em tanta abundancia.

Naõ he tambem pouco estranho a falta de Ortalice tambem por acazo há estabelecimentos, em que se veja alguma.

Observaçao

Naõ se pode duvidar que no Brazil os lavradores ainda prescindindo da sua extrema priguica, lhes falta a mais apurada industria para applicaõ do seo ministerio, e facilidade dos seos trabalhos e conveniencias. Elles não tem hum genio indagador para conhecimento da sua propria utilidade, não tem huma regularidade na forma de se estabelecerem, e de se dirigirem, e por isso acontece muitas vezes haver em um Paiz muito de hum genero, e nada de outros da primeira necessidade, então aparecem as precizoens, e tudo fica consternado <(*) Tem o deffeituoso estilo de não seguirem uma reta segura, na sua cultura. Suponha-se que alguns tenhaõ o custume de plantar a Mandioca, e sempre a venderão por bom preço; e porque houve em hum anno muita quantidade

della, e desceo do valor mais avultado; esmurece o lavrador; mas porque vio que hum seu vizinho casualmente lhe lembrou plantar milho, ou arroz, e nestes generos fes uma grande conveniência; ja muda muito depressa da antiga fabrica e a poem em desprezo para seguir a do milho, e neste mesmo projecto então [sic] todos que tem notícia, athe, que repentinamente descem de preço; falta a farinha, que poucos a tem, entra a mizeria, e tudo he infilicidade: assim he o seu errado Sistema>. Já houve tempo, que por huma tal extravagancia, entraraõ neste porto Embarcaçãoeñs de partes remotas a venderem farinha, por huma notícia, que correo das suas faltas.

Enfim, ha dependencia de methodo, e de outros conhecimentos para o exercicio importan[corroído] da agricultura, cuja falta priva aos lavradores se felicitarem, arrematando da superfice da terra taõ liberal as mayores utilidades. Seguem cegamente os sistemas de seos antepassados, persuadidos, que não podem ser errados: nisto mesmo erraõ. [fl.84] Por esta causa são os seus trabalhos fastidiozos e diffíceis de vencer com brevidade, talvez porque nunca lhes aparecesse o uzo do arado, e da Xarrua <(b) Casuallamente, um filho de Pedro Freyre, ouvindo fallar em arado, perguntou o que era e, o seo uso: deraõlhe huma informação, e fundado nella fez construir hum, e o poz em prática; e ainda, que lhe faltou Mestre para ella, sempre conheceo utilidade, porque em pouco tempo plantou muita cana, que me mostrou>: Pela mesma razao, e pelas que se podem inferir de outras, se vê que elles tem suma necessidade de Mestres da agricultura <(*) Contase que no Rio de Janeiro, antes de entrarem nelle os Regimentos da Europa, havia pouca ortalice, e muito má, e que depois melhorou na qualidade, e cresceo na abundancia, que hoje vemos; porque quem fez ver o como ella se trata foraõ os ditos soldados. Daqui infiro, que mais lucro tirava o Estado dando baixa aquelles, que fizessem certo serem bons trabalhadores, e lavradores, e casando-os pelos Districtos de fora, do que telos no exercicio em que estaõ, e em lugar deles, sentar-se praça dos Vadios do Rio de Janeiro, e Campos dos Goaitacaz, que naõ se empregaõ em mais que na libertinagem descomedida.> tanto para lhes ministrarem os meyos mais expeditos como com o exemplo incitálos a desterrar os mal erdados estilos a execranda preguica.

Exemplo

Estas verdades foraõ assaz conhecidas na Villa do Rio Grande de São Pedro, quando por occasiaõ da guerra proxima preterita, estiveraõ os 3 Regimentos da Europa, Moura, Chixorro, e Bragança acampados debaixo das baterias do Forte do Arroyo: Havia alli hum brejo na margem daquelle Rio, que passava perto, taõ impenetravel, que se não podia vadear: muitos soldados daqueles Regimentos, custumados pela sua primeira educação aos exercicios da laboura, saudozos daquelle tempo, pedem licenca, e entraõ a preparar o brejo, esgota-o, e o poem capaz de ser plantado: o que em the alli era pessimo, aborrecivel, e sem prestimo, foi depois o recreyo geral, e todas as tardes hiaõ os Officiais, ainda os mais graduados, e o mesmo Excelentíssimo General a divertirem-se de ver tão prodigiosa maravilha com bellíssima produçao. Antes da passagem do Rio na parte da Povoação do Norte, aquelles mesmos Soldados divertindo-se por casa dos lavradores, e consiliando sincera amizade com elles os incitaraõ com seo exemplo a terem mais applicaõ nas suas labouras, de tal sorte, que nos primeiros tempos, que alli chegaraõ, era huma raridade achar-se alguma ortalice, apesar de toda a diligencia; porem depois houve de sobejo. Tal he a applicação de pessoas de genio proprio para as couzas.

Tornando a prosseguir sobre os pontos expressados respectiveis aos Lavradores deste Continente, ignorarem as suas proprias utilidades, me lembra agora noticiar huma estimável rariid[corroído] que elles naõ atendem, e a tem em desprezo, sendo aliás de muita estimação em

qualquer outra parte de que se colhe muito interece. Viajando eu pela margem meridional do Paraíba ao Oeste da Villa de São Salvador, vi no Engenho de Dona Maria da Mota 5 Coqueiros denominados da Bahia taõ carregados de cachos, que movido da coriozidade, contei o número [fl.85] de cocos, que continhaõ suposto, que por embarassados me escaparem da vista alguns: em um coqueiro contei 139 cocos, em outro 96, e em outros menores 60, e tantos: além destes quaze sazonados, outros muitos que já se hiaõ gerando, que me fizeraõ entender, que todo o anno produziaõ sem interrupçaõ, e assim foi, porque melhor instruído me capacitei, que em todos os meses daõ novidade. Ora neste Engenho, há um cercado de campo de 210 braças de cumprimento, e com mais de 90 de largura com figura de paralegramo / assim como ha em todos com mais ou menos extenção / cuja serventia é unicamente de apacentar os animaes da sua habitação. Lembrando-me pois das grandes conveniencias, que deixam os cocos na Cidade da Bahia, tanta, que sobre elles de fundaõ morgados, tomei por fundamento aquelle cercado, e nelle estabeleco um calculo breve, para vir no conhecimento do que poderia render sendo ocupado de Coqueiros. Multiplico 210 braças de cumprimento por 90 de largura, e saírao-me 18.900 braças quadradas na sua superficie. Tomei 3 braças de espasso, para cada planta, achei que acomodava regularmente dispostos 2.100 Coqueiros. Agora considero que huns por outros produzissem menos do que vi, e que fossem 64 cocos em hum ano por cada pe: <(c) Pode haver a segurança de que hum bom coqueiro produz o tripulo, ou quádruplo, do que aqui se expressa, porque depois vi hum no Campo Limpo e outros em São Bento e Capivari com muito mais quantidade>. Multiplicado os 64 por 2100 coqueiros sahe no cociente 134.400 cocos, inteira produçao pelo modo proposto. No Rio de Janeiro, aqui e outras partes, se venda cada coco a 60, 40, 30 athe 20 réis, porem eu vou a supor, que pella abundancia, que possa haver se vendaõ os nossos sem escolha de grandes, ou pequenos a 10 réis, metade de menor preço dos outros: multiplicados 10 réis por 134.400 cocos, resultaõ 1:344\$000 réis importancia da produçao, etc. A demonstraõ da verdade do calculo, por si se manifesta, e me dispensa de outra qualquer por sua simplicidade, e clareza.

Ainda naõ paraõ aqui os meus reparos. Nos sertoens das Cacimbas, e [corroído] lugares, produz muito Caraguata <(d) Caraguata, que he um vegetal a imitação de um pe de ananas, porém saõ as suas folhas muito mais compridas, e proporcionalmente mais estreitas: há de muitas qualidades, e naõ saõ todas as que servem para isto> e Tucum: qualquer especie destas, naõ preciza cultura a mesma Natureza a offerece. De huma e de outra se tira huma especie de linha muito forte, que fiada serve para fazer redes de pescar: na Capitania do Spírito Santo, se comercia nisto, e vende-se o Tucum a 400 réis a libra e taobem a 600 réis. [fl.86] Ora a Paina taõbem ha em muita quantidade, e custa a arroba a 5 e 6000 réis a sua serventia <(*) A paina tem huma consistencia mais macia que o algodaõ, e muito imita ao pelo do castor, porem não se pode fiar; por serem as suas fibras muito curtas. Eu naõ tenho hum conhecimento completo do modo com que se prepara do pelo do castor, a massa para a fabrica dos chapeos; mas pareceme que se da paina se fizesse experiência, talvez se pudesse dela, fazer o mesmo> prezentemente he para inchimento de colxoeñs, e travesseiros; e por ser delicada he muito procurada. Se os homens desta situaõ em lugar de fazerem cercas de outras madeiras, a fizessem desta, tiravaõ duas conveniencias: a primeira, porque a faziaõ eterna, pois que plantada qualquer estaca dela, renasce, e se faz huma grande árvore: a Segunda em se aproveitarem da refferida Paina sem o trabalho de a procurarem pelos matos.

Não menos ociosidade mostram, em não se utilizarem das Mamoneiras ou Bagueiras, que produzem a semente denominada carrapato, de que se faz azeite, e da huma excelente luz, alem da serventia que tem para outras couzas, <(e) Este azeite tem muito uzo na fabrica de açúcar, e

serve para o apurar: he taobem applicado em varios remedios de moléstias; e ja vi com elle fazer-se sabão> e antes querem soffrer o terrível e danoso cheiro do azeite da Baléa, que o compraõ, do que aquelle, que em nada desagrada, e menos custa. Este vegetal, que huma vez plantado se fas eterno; porque cahindo a sua semente naturalmente multiplica sem mais beneficio; de sorte, que muitas vezes se mandaõ cortar de propozito para extinguilo.

O Amenduim taobem dá excellente azeite, e muito mais fino, e claro; este, athe serve para uzo de temperar, e frigir: De hum, e de outro se podia fazer hum ramo de Comercio sem grande trabalho.

Mas, para que he mais recordar os desmazelos se claramente vemos, que o Algodao nenhum interece inculca a vergonhosa ociozidade.

**Trata-se da creaçao de
gados, o augmento a que chegou, a decadencia que
teve e a razaõ porque**

Os primeiros intereces, que mais [corroído]moveu o Comercio deste Districto nos primeiros tempos do seo descobrimento, foraõ as creaçoes de gado vacum, e cavallar, que os seus Cavalos[?] procuraraõ adquirir de partes mais remotas, mandando vir as melhores raças de vacas, e egoas para se aproveitarem das bellissimas campinas, que encontraraõ, aonde edificaraõ muitos curraes; porque viraõ admiravel e ventajoza [fl.87] multiplicaçao, mas como se seguiraõ descuidos, e desmazelos, nunca passaraõ as suas conveniencias a hum ponto superior, não havendo mais utilidade, que a de alguns quejos, e gados; que se tiravaõ a vender no Rio de Janeiro, e partes suas subjacentes, talvez por ignorarem o modo de beneficiar a manteiga, e os mesmos quejos com mais perfeição: entaõ estavaõ os pastos no seo primeiro vigor, não se viaõ inficionados, de tantas ervas danozas de que hoje abundaõ: <(*) Saõ de varias qualidades: A aroeira, o algodão do mato e a Vassoura, não fazem mais dano que occuparem o terreno, que sendo de Campo seria melhor> a morrinha, o mal naõ eram conhecidos, e nem taõ frequentes as papeiras, que originaõ tantas perdas, e por isso crecia a abundancia, de tal sorte, que os Excelentíssimos Senhores Viscondes de Asseca, quando instituiraõ o seu morgado, continhaõ os curraes das suas fazendas vinte mil cabeças de gado, e pouco menos de Cavallar, mas logo, que se puzeraõ as couzas em hum estado de negligencia, tudo foi em decadencia as boas raças se perderaõ, e se conservaõ degeneradas <(f) Esta degeneração naõ provém de outra causa, que de terem introduzido gado pequeno entre o grande da melhor escolha; tanto assim, que em São Bento ha manadas de Egoas, que produzem excellentes crias, porque nunca se misturaraõ com Cavallos Maus>.

A prática uzada pelos criadores, he de se estabellescerem tantos curraes conforme o numero de vacas, que tem, dando a cada hum 50, 100, athe 200, entregues a hum escravo instruido neste exercicio, porem cada curral com sua caza, e com separaçao de 500 athe 1000 e mais braças de campo, para se naõ misturarem humas com outras creaçoes. O curraleiro tem obrigaçao de recolher o gado manso todos os dias, e no seguinte mugirlhe o Leite, e fazer o quejo, e no fim da semana dar contas do que fez, e das novidades, que houveraõ respective, a sua incumbencia.

Tempos da ferra e como se faz esta

Annualmente no mês de Março se escolhem dias proprios em que se juntaõ os Curraleiros a cavallo ao fim de assignalarem as novas crias nas orelhas, / e fiquem bem conhecidas / para no mes de Agosto se ferrarem <(g) Ferrar he marcar o gado com hum sinal de ferro quente. A este respeito ha uma boa prática neste Districto, que he naõ poder hum individuo uzar de hum certo sinal sem Licença da Camera, para que assim naõ aconteçaõ duvidas entre os creadores: e este mesmo Sinal fica descripto na mesma: hum filho para uzar do Sinal de seo Pay, preciza dizelo que pretende fazello assim.>. Os curraleiros se apresentaõ armados de garrochõens, que se colocaõ em huma das extremidades de varas fortes, com cumprimento de 12 ou 14 palmos, a maneira de piques: com estes instrumentos fazem manejos de admiravel destreza, e assim sujeitaõ o mais bravo touro na mayor carreira; e tanto he esta mais precipitada, como he depois o tombo, que selhedá. Do lasso a imitação do Rio grande, tem pouco [fl.88] uzo, e raras vezes se servem delle. Os gados dispersos, e fugitivos saõ custozos de sujeitar, e marcar, porque dezamparando o campo, se ocultaõ nos bosques, aonde naõ tem o garrochão tanta serventia.

Pouco adiantamento das creaçõens e porque razaõ

No campo so as 4 fazendas grandes podem ter curraes, por serem as terras suas, e naõ consentem, que outra qualquera pessoa os possa levantar ainda pagando foro. Há algumas, que gozaõ deste indulto; porem custa alcançalo. Esta he uma das primeiras cauzas de se não augmentar a multiplicação; porque, posto se naõ prohiba os pastos para apacentaõ do gado do povo, he contudo prejudicial; em razaõ de naõ haver quem vigie diariamente sobre elle, para limpar os tenros bezerros das feridas, que criaõ, e embaracar, os continuados furtos; o que naõ aconteceria se houvesse de ter curraes.

Gados que se consomem na sustentação do Paiz, e os que se tiraõ para fora

Antigamente havendo menos povo, pouco gasto se fazia no gado, e tirava-se para o Rio de Janeiro, e outras partes, 6, 7 mil e mais cabeças; e hoje pouco mais de mil sahirão. He bem verdade, que dentro do Districto se consome muito; porque só no Acougue da Villa de São Salvador; se cortaõ mais de 1.500 rezes.

Nos Engenhos, ha aquela indispençável quantidade, que he preciza para applicaõ de tantos e distinctos trabalhos.

Cavallos suas qualidades

Em quanto se conservaraõ as manadas de Egoas das melhores raças, e não se introduziraõ nellas cavallos pequenos, haviaõ boas crias, e ainda há havendo cuidado: por falta deste, são poucos os bons; em figura, e grandeza, mas huns, e outros, são excellentes por serem muito fortes, com excesso, aos de outras partez.

[f.89] As Bestas muares taobem saõ menores, e em pouca quantidade, porque há poucos Burros.

Creação de Ovelhas, Cabras e Porcos

Muita poucas Ovelhas ha no prezente tempo: e constame, que antigamente se chegou a mandar grandes rebanhos ao Rio de Janeiro. Pretendem muitos, que a terra não seja propria para esta criação, e nem para Cabras, por cauza das muitas humidades, mas parece, que nesta parte devemos notar desmazelo; porque se em outro tempo haviaõ de sobejo, e se tiravaõ muitas para fora sem embarasso de contratempos, como agora sucedem tantos prepuzos [?]

Porcos crio-se bem; porém muito poucos, e por não terem bom sustento, he a sua carne pouco agradável: mas se os nutricem com milho continuadamente, seriaõ taõ perfeitos como os de São Paulo e Minas.

Comercio do Paiz como

se fazia, em que consiste agora e como se dirige

A incomparavel fecundidade, que se tem manifestado deste terreno, e as pequenas forças da agricultura, deo princípio a hum limitado Comercio que se fundamentava nos effeitos da sua primeira produçao, que eraõ milho, feijaõ, algodaõ, arroz madeiras; e algum açúcar: neste tempo havia pouco dinheiro, e as possibilidades diminutas, por cuja cauza os mercadores, que entravaõ a fomentar o comercio, se contentavaõ em vender as suas grosseiras e caríssimas fazendas, por huma troca, ou compensaõ, feita com os effeitos referidos, que os faziaõ transportar por sua conta, e risco, a varios Portos aonde se apuravaõ por bom preço.

Mas adiantando-se a cultura das Canas, e com elas mais elevadas conveniencias, se arrebataraõ os animos mais distantes, a procurar por este novo Comercio, conduzindo ideias para o seu mayor interece, com um bem sincivel prejuizo dos lavradores como claramente se manifesta, pelos acontecimentos indicados na seguinte.

[f. 90] Observaçao

A medida que sobio o preço do açúcar no Rio de Janeiro, há pouco mais de dez annos, por occasião das faltas experimentadas neste genero, todos aquelles lavradores de Cana, mandioca etc. agitados dos desejos de melhorarem a sua furtuna, abandonaraõ os primeiros exercicios do seu emprego esperançando-se nas futuras conveniencias, e se estabeleceraõ com Emgenhos, não lembrados, de que para semelhantes fabricas careciaõ de forças proporcionaes, que inda não tinhaõ; pois não era possível, que com os mesmos escravos da antiga labutaõ pudesseem entrar em mayor trafego, que depende da avultadissima despeza, como temos mostrado. Entravaõ emfim nos novos, e pezados estabelecimentos, enfraqueceraõ, e parariaõ no meyo da carreira, se não solicitassem grandes empenhos: Ainda bem não se viaõ livres destes, careciaõ reformar varias couzas indispensaveis para continuaçaõ da Safra; neste tempo entrava em decadencia os preços florecentes do açúcar: viraõ-se nas mais lastimozas circunstancias da precizão, ou de perderem as canas, ou de contrahirem nova dvida.

Os Negoceantes do Rio de Janeiro, como mais industriosos pelas liçoens adquiridas na escola do Comercio, ja de longe lançaraõ suas vistas, prevendo o que infalivelmente havia suceder: adiantaõ fazendas, e dinheiros para este Continente, e com os seos correspondentes nelle, formalizaõ hum plano interessante a sua sociedade, tomndo por principio inalteravel duvidar dar dinheiros a juros, pelos prejuízos, que se poderiaõ seguir nas retençoens. Tudo correspondeo aos

seos projectos, porquanto os novos Senhores de Engenho, vexados pelas dvidas pretéritas, e pelas necessidades presentes, procuraõ os socorros daquelle Negociantes, que insistem firmes no seo plano, athe, que huns, e outros naõ tem duvida concorrer para hum contrato [sic] uzurario, bem perniciozo por parte da consiencia: Convencionao-se, porem contanto, que o Senhor de Engenho no termo de assignaldo tempo fará completo pagamento em açucar a preço de 10, 9, 8 ou 6 tostoens a arroba <(h) Huma pobre mulher, que tinha hum filho no exercicio de Soldado, anciosa por velo na sua companhia, intentou negocean hum homem, para o pór na praça em lugar delle; careceo dez doblas para este fim, e porque naõ havia quem as quizesse emprestar, offereceu o seu açucar futuro a dez tostoens: naõ houve quem se animasse a favorecer aquella mulher, porque esperavaõ, que ella arrebatada dos seos sentimentos lhes veria a dar o açucar de graça; assim aconteceo, e por pouco mais foi o negoceio: offereceraõ-lhe 400 réis pela arroba, ella asseitou o favor> e que no cazo de haver [f.91] falta no embolso por aquelle modo assentado, deverá o Senhor de Engenho pagar em dinheiro a arroba de assucar pelo mayor preço que estiver valendo naquelle occziaõ no Rio de Janeiro.

Os miseráveis, e novos Senhores de Engenho a tudo se sujeitaõ, principiaõ mal, e acabaõ peior; naõ bem tem pago as primeiras dvidas, já contrahem outras; vaõ novamente sacrificar-se, e constituir-se escravos do Negoceante; e quando mal se descuidaõ em vertude das clauzulas selebradas no ajuste, ficaõ sem Engenho, ou penhorado, ou tomado para satisfaçao de credor, por muito menos preço do que elle custou: e quando isto naõ succeda, ninguem poderá duvidar, que por hum modo honesto, passa de Senhor de Engenho a ser hum mero feitor do Negoceante, porque nenhuma outra couza he mais, hum homem, que trabalha para as conveniencias de outro; e debaixo de hum tal jugo.

Taobem os Negoceantes, nem por tão vigilantes, e precatados, tem deixado de experimentar gravíssimos enganos, porque duvidozos de outros quaisquer contratos obrepticia, ou sobrepticiamente selebrados por estes Senhores de Engenhos, lhes confiaõ seos dinheiros, e fazendas na esperança de semelhantes lucros, porem como se conhessem outras dívidas atrazadas contrahidas por outras partes, naõ fica lugar de serem executados por justiça, por que em tal cazo todos os credores quereriaõ ser igualmente pagos, e contenderiaõ entre si: Não só por este motivo, como por hum direito mal entendido, pertende a justiça mal informada, / ou naõ sei porque / dar as sentenças ora a favor dos taes Senhores de Engenhos sem cumprimento do Real privilegio concedido pela Magestade defunta do Senhor Rey D. João 5.º, quando se deve entender que daquelle graça só devem participar os Senhores de Engenhos estabelecidos fundamentalmente / ora pelos Negoceantes.

Este o Estado da decadencia em que se vê este Continente, que podia florecer no mayor, e mais rendozo comercio pelos seus effeitos, se cada hum por si, ou por seos correspondentes mandassem pozitivamente fazer as suas exportaçoes para outros Portos, de onde viaõ lucrariaõ mais, e vendelas a quem mais desse, ficando assim a liberdade do lavrador activa, sem taõ honeroza taxa, e sugeição.

[f.92] Segurança como se faz

Porque duraõ as vexações, adquiridas de mais longe, sustentadas pelas vias, que acabo de relatar, e animadas pela desordem do luxo, estaõ os lavradores promptissimos para asseitarem todo, e qualquer contrato, que se lhes offereça, ainda os mais extravagantes, com tanto que se lhes apresentem aos olhos os dinheiros adiantados.

Os Negoceantes, que sonhaõ no modo de inventar estratagemas, e que o seu ponto objectivo não he outro, se não o de fazer negócio pelo modo que for de mayor ganho / naõ lhe emportando as leysi da consciênciā, porque a tem larga, e espaçoza / semeão notícias de que se achaõ com dinheiros em moeda corrente, e que daraõ as melhores fazendas da sua loge por hum preço moderado, a aquelle que quizer entregar o seo acucar futuro debaixo da ordem da segurança; para mandalo vender ao Rio de Janeiro por sua conta, e risco; Ficando-lhe em razaõ deste, e dos juros do dinheiro, e fazendas, que der; o ganho de 200, e 300 réis em cada arroba, depois de vendido, pello preço que correr.

O Lavrador promptamente se sujeita, e com instancias fortes procura o Negoceante, e seguindo esta rota acrescenta o seu precipicio, vem a chorar a queda sem remedio, e se entrega a huma triste, e lastimoza situação.

Importancia dos effeitos
em que se Comercea, que se conduzem embarcados, e
que pagaõ Dizimos a Real Fazenda

Os Dizimos das partes Meridionais da Paraíba, se remataraõ o trienno passado no Rio de Janeiro por 44.000, e tantos cruzados: e das terras septentrionaes, que pertencem a Bahia, andariaõ por muito menos: estas duas sommas poderemos afirmar, sem o menor escrupulo, que não excederaõ a 70.000 cruzados. <(*) Muito mal lembrada foi esta separação do Distrito dos Campos: Se ele pertence ao Rio de Janeiro; porque motivo, se havia desmembrar os dízimos, das partes septentrionaes para a Bahia, e nem taõ pouco sugeitalo a comarca da Capitania> Por hum Calculo prudentissimo, fundamentado nos menores pressos, que valem os effeitos cada hum por si, conhecemos, que se maneja a negoceação, que sahe pela barra, com a importancia de mais de [f.93] de 600.000 cruzados. Ratificada esta conta, e bem conferida com as cobranças do Dizimeiros, segundo os seos assentos, naõ houve diferença sencivel. Daqui se infere, e vemos, que andaõ os Dízimos dos Campos asima de 60.000 cruzados por anno, e no tripulo em 180: restando destes os 70 da arrematação, ficaõ 110.000 cruzados de rendimento, entre os Dizimeiros das duas reparticoens; lucro certamente incrivel a proporçaõ do que devia ser.

Neste cálculo naõ se inclue, a importância dos gados e nem das Madeiras, e outras miudezas <(i) O Dízimo do peixe na Villa de São Joaõ no trieno que acabou em 1781 rendeo.....= 366.200 réis. O da Villa de São Salvador naõ me foi possivel saber completamente, porem he bem certo, que renderá muitas vezes mais>.

Pratica dos Dizimeiros

Como os homens em toda a parte, não se satisfazem com os tributos ainda, que sejaõ os mais justos, sucede que atue para pagarem Dizimos a DEOZ sejaõ remissos: por esta cauza tem a esperteza dos Dizimeiros ideados varios modos, para se livrarem de enganos: e assentaraõ primeiramente em ter hum rol de toda a escravatura que possuem os moradores, com a distinção de grandes e pequenos; e depois em mandar investigar todo o genero de lavouras, afim de avaliadas, ficarem inteirados no que poderaõ render por naõ haver depoiz grande escrupulo na sua satisfação; e taõbem para senaõ enganarem quando se lhes cometer algum partido.

Alguns lavradores contrataõ com os Dizimeiros remir a sua cultura das Maunças <(*) Maunças, he o Dizimo das meudezas> por hum tanto annualmente, pagando sempre 200 réis pelos escravos de confição, e 100 pelas pequenas crianças athe a idade de 7 annos.

Com o gado, que nasse tambem se ajustaõ muitos, e só no que respeita o açucar naõ querem outra negoceaõ, que recebelo.

Das Madeiras naõ se paga Dizimos.

Economia, e Indústria

Pelos successos referidos, temos provas evidentissimas para afirmarmos, de que ainda naõ amanheceo o dia a estes homens, para com melhores luzes conhicerem as precizissimas regras da Economia; e In [f.94] e Industria, por cujas estradas se tem conduzido as Naçoens mais pulidas da Europa, adquirindo mais riquezas, e vantagens com a agricultura, e Comercio do que nós, arrancando das entranhas da terra o Ouro de mayor quilate, e os mais brilhantes diamantes. Dentro da nossa Regiaõ, se nos manifestaõ exemplos bem palpaveis, quaes saõ os que nos deixaraõ os Jezuítas nos seos riquissimos Estabelecimentos, de onde tiravaõ annualmente importantissimas somas de cabedais: basta olharmos, e examinarmos os maravilhosos pastos de Santa Cruz, hum campo fertilissimo, formado entre impenetraveis brejaes, e pântanos: quem cooperou para obra taõ grande, se naõ a Industria, promovida pela maravilhaçaõ Idraulica, e Leis da Mecanica: e quem a conservou sem deffeitos de perfeiçao em que esteve, senaõ a Economia, que entre elles se apurava por hum Sistema inalterável?

Faltos os nossos lavradores destas nescessarias regras, incencivelmente se iraõ prejudicando: a degeneraõ dos seos Campos, naõ tem outro motivo; e por isso cada vez se constituem peiores, adiantando-se os brejos, formando-se novos corregos pela extravazaõ das cheias, que vaõ ocupar o terreno mais inferior; do que resulta perderem annualmente tantos gados atolados; e outros muitos mortos com a nutriçao de ervas danosas, que se naõ cuida em extinguir. As passagens se dificultaõ por esta cauza, e atrazaõ as exportaçoeñs dos seos effeitos.

Enquanto na sua industria, vemos as mesmas desordens: se ella respirasse se faria, menos pena a fabrica dos Engenhos; e ao menos nem se occupariaõ tants Escravos, e nem se consumiriaõ tants boiz, e Cavallos; porque os que estivessem fundamentados nas margens dos Rios; teriaõ aquelles socorros taõ admiráveis; <(I) Viveo, e faleceo em São Salvador hum Estrangeiro muito sofrivel Architeto, e de muita habilidade: este homem com grande genio gostava de manifestar, as suas ideas, e invençoeñs: fes infinitos modelos de Engenhos; que pudesse trabalhar com as agoas do Paraiba, naõ obstante as mayores, ou menores cheas, porque tudo precavia no seo plano, nada foi asseito. Elle construhió hum de serrar madeiras na Margem deste Rio, de que a sua viuva ainda se utiliza. No sitio de Pedro Freire, construhió outro, cujo movimento recebia do vento> que os obviasse de tanta despeza.

Não teriaõ taobem a ignorância, de naõ fazerem perfeitissimo o seo acucar <(m) O açucar dos Campos, esta em má reputaõ por naõ ser bem fabricado: acontece isto porque naõ chamaõ Mestres; qualquer individuo tem a prezumpçao de o fazer bem: He verdade, que vi algum em certos lugares, que me pareceo refinado, e mil vezes diliçado. O desperdiço que fazem no mel, seria de huma conveniencia avultada se fora aproveitado nas distilaçoeñs de agoas ardentes> tendo para elles as Canas mais excellentes de todo o mundo, e finalmente, teriaõ hum methodo scientifico de se regularem, naõ só no modo de dirigirem os trabalhos da sua laboura, e os effeitos, que deveriaõ cultivar; como taobem saberiaõ defender-se dos estratagemas dos Comerciantes.

Em quanto a estes naõ devemos deixar de notar-lhe muitos deffeitos, porque hum bom Pilitico conhece muito bem, quanto o co [f.95] o Comercio deve animar a agricultura, para facilitar-lhe augmentos, porque huma, e outra couza tem huma concordancia reciproca, e mal se podem adiantar os interesses gerais, quando elas se dezunem. Enriquece-se dous ou tres individuos por hum modo estranho, ficando pobres muitos; não he augmento para a Republica; e ainda mais, quando sabemos, que della se exportaõ os Cabedais com seos possuidores, a girarem por partes mais remotas, de onde nunca voltaraõ.

Roteiros das Viagens

dirigidas por terra, ou pelos Rios mais navegaveis dentro do Districto dos Campos.

Pareceo-me que em nenhuma outra parte, seria taõ proprio tratar das Estradas, que passaõ da Villa de São Salvador a diversos sitios da sua jurisdição, se naõ aqui, para onde distinei ajuntar hum roteiro de viagem, fundamentado nas distancias mais exactas, que alcancei pelas minhas medidas, e observacoeñs.

Desta Villa, como de hum centro sahem quatro Estradas geraes, seguindo distintos rumos; huma chamada Estrada grande, que dirigindo-se para o Sul, parte todo o territorio da Freguezia de São Gonçalo, athe contestar com o mar; e depois entrando no de Capivari, sempre chegada a Costa, vai ao Rio Macahe: A segunda, he a do Queimado: a qual se acrescenta com outras transversaes, que partem para a Lagoa de Jezus, e Sertoens do Ururahi, athe a Lagoa de Sima, e outros lugares. A 3^a, e 4^a Estradas, beiraõ o Rio Paraiba: huma vai passar o Rio preto, e se estende ao Sertaõ mais occidental; e outra segue athe as Valletas, e passa a Villa da Praya. Nas partes Septentrionaes, ha duas Estradas mais geraes: estas se dividem, e caminhaõ por rumos oppostos, huma vai costeando o Rio athe a barra secca, e depois passando as Cacimbas entra na Costa do mar, por onde segue athe Cabapuana; e a outra procura o Rio Moriahe, e o Sertaõ das Frecheiras.

De todas ellas se repartem varios rumos, com outras tantas denominassoens, que naõ espresso por obviar repetição; quando f[corroído]llar nas distancias dos lugares, mencionaremos aquellas mais frequentadas, dei [f.96] deixando os atalhos particulares em silencio.

Sao estas Estradas geralmente imperfeitas, porque em qualquer tempo do anno offerecem incomodos aos viajantes: Ellas naõ saõ calçadas, e da arte naõ tem recebido mais beneficio, que se conservarem descortinadas de matos, que sem isto ainda seriaõ peiores. Se o tempo he de grandes sois, levantaõ de si hum pó utilissimo desagradavel aos Olhos, a respiração, e ao aseyo: isto sem mais vento, que meramente huma leve agitaçaõ de ar, que se gera das pizadas dos Cavalos. Com chuvas, naõ saõ menos fastidiozas, porque a poeira descancando sobre a terra se reduz em lama, esta amacizada pela frequencia dos Carros, se poem com gulutinoza, embaraçando a brevidade das viagens. Com a continuaçaõ repentina de grandes soes dessecação, entaõ ficaõ em peyor estado, porque quando se durissimos torroens a maneira de tijolos, dizordenaõ a marcha dos Cavallos, trupicaõ estes, e se fatigaõ. Assim continuaõ athe se reduzirem a pó sutil, e desta forma sempre se conservaõ pessimas.

Naõ saõ todas por este mesmo modo; porque as que se incluem nos Campos aroentos, e que passaõ pelas prayas tem diversa consistencia. As de Campo, naõ havendo chuvas saõ mais acomodadas para os viajantes; mas se as houverem, ficaõ trabalhozaes, principalmente aquellas, que saõ cortadas por fundos corregos. As que considero peiores nesta parte, saõ as dos Campos da Ponta Grossa, Campos de Retiro, Margem da Lagoa Feia etc. desta mesma forma saõ as das Cacimbas, Moritiba, e outros lugares septentrionaes do Paraíba.

As de Prayas, naõ saõ taõ perfeitas, que naõ tenhaõ embaraços, em prejuízo da brevidade das marchas; porque a que ha de Macahe athe o Viegas / ou ainda athe a Barra do Paraiba / passo por sima dos Ombros do Mar; estes são compostos de grossas, e movediças areas, que detrimentaõ os Carros e cançaõ os Cavallos: / principalmente em tempo de agoas, que se naõ podem suavizar as fadigas, procurando huns pequenos desvios, que passaõ por alguma restinga, por estarem estas inundadas / porém a praya, que se dirige de Gargaá[?], athe Cabapuana, estando a maré vazia, he dura, e suave para a marcha.

As Cameras pelos descuidos, que ficaõ relatados naõ se intereçaõ nestas circunstancias, avaliando-as em pouca utilidade, mesmo[?] advertidas, de que em este hum objecto da sua mayor obrigaçaõ para [f.97] facilidade do Comercio: por esta cauza deixaõ de haver pontes em todo o Districto, naquellas partes, que a precizaõ inculca, como no Moriahe, no Ururahi, na Capivara, e outros lugares, como veremos.

Roteiro de Macahe para

A Villa de São Salvador

Sahindo-se deste Rio, caminha-se quaze sempre, ora para o Norte, ora para o Nordeste, athe que se chega ao Barreto, e continuando vai sahir-se a Cruz das Almas, e segue-se o Caminho da praya, athe Carapebz: <(n) Aqui há junto a Capella huma caza, em que se pode pouzar, porem naõ há segurança para os Cavallos; e so pela lagoa asima, ha alguns cercados de bom Capim> não mudando de rumo, e sendo a estrada a mesma porque naõ ha outra, paça-se o Paulista <(*) No Paulista naõ ha caza: houve huma coberta de palha, em que morava hum Paulista, de onde veio ficar o logre[?] denominado assim.>, o Pires, < O Pires foi hum escravo Curraleiro: Aqui há huma cazinha, que serve unicamente para o Curraleiro, naõ tem pastos; porem assim mesmo a ella se recolhem muitos viajantes>, Jaguaroaba, ou Ubatiba, e chega-se a Antonio Dias aonde se fará pouzo <(o) Hoje chamaõ este lugar o Andrade, tem humas = grandes cazas, que deixaraõ os Jezuitas: e em razaõ de pouzo, hé o mais acomodado de toda a Viagem, suposto que taobem naõ tem segurança para os Cavallos.>.

No dia seguinte, caminha-se pela mesma forma por sima do Combro, ou encostado a elle, paça-se o Furado <(p) Se a barra está aberta, he precizo canoa como fica dito> e depois chega-se ao Viegas <(q) Hé outra caza de Curraleiro sobre hum ombro, e = batida de ventos: em cazo de precizaõ, alli se pouza; mas naõ tem em que se segurem os Cavallos>.

~Atraveça-se o Rio Capivara, e mudando-se de rumo, e de estrada, parte-se o Campo da Boa Vista, e no fim deste entra-se em hum pequeno bosque, torna-se a Campo, e vai-se a passagem de Santo Amaro, <(r) Esta passagem no tempo de chuvas, he enfadonha, e se poem funda, de sorte, que para vadear-se he precizo Canoa, a qual nem sempre se acha: devia haver aqui huma ponte; para facilitar as Viagens em qualquer occziaõ>, continua-se a marcha, e confrontando-se com a Capella, muda-se de rumo, paça-se São Bento, o Curral dos Coqueiros, e huns limitados arbustros, athe que se entra no Campo limpo; e passado este segue-se a estrada grande; paca-se por São Gonçalo, e Visconde, e chega-se a Villa de São Salvador.

**Summario das distancias que
há de Macahé aos Lugares mencionados athé a Villa de São Salvador**

		Legoas	Braças
De Macahe a	O Barreto	3/4	70
	Cruz da Almas	3/4	720
	Carapebuz	3 1/4	150
	Paulista	4 1/2	400
	Pires	6 3/4	700
	Ubauba	8 1/2	450
	Antonio Dias	10 3/4	580
	Furado	11 1/2	70
	Viegas	13	260
	Boa Vista	14	60
	Passagem de Santo Amaro	14 1/4	702
	Santo Amaro	14 1/2	702
	São Bento	16	262
	Curral dos Coqueiros	16 1/4	412
De Macahe a	Campo Limpo	17 3/4	472
	São Gonçalo	18 1/2	462
	Visconde	19	182
	Cruz das Almas	20	492
	São Salvador	20 1/4	344

[f.98]

**Outro modo de contar, e declarar as
distancias mais simples de hum lugar a outros**

	Légugas	Braças
De Macahe ao Barreto	3/4	70
Daqui a Cruz da Almas	//	650
Desta a Carapebuz	2 1/4	180
De Carapebuz ao Paulista	1 1/4	250
Do Paulista ao Pires	2 1/4	300
Do Pires a Antonio Dias	3 3/4	630
Deste ao Viegas	2 1/4	430
Do Viegas a Passagem de Santo Amaro	1 1/4	442
Desta ao Curral dos Coqueiros	1 1/4	600
Deste a Campo Limpo	1 1/4	450
Deste a São Gonçalo	1/2	740
Daqui ao Visconde	1/4	470
Do Visconde a São Salvador	1 1/4	162
Sommas	20	124

A diferenca da distancia total da primeira conta para a segunda, succede por se naõ incluir nesta o pequeno desvio para Santo Amaro, e para São Bento, porque o viajante naõ tem precizaõ de chegar a estes dous pontos.

[f.99]

Roteiro travesso do Paulista para a Villa de São Salvador

Hindo-se de Macahe ao Paulista toma-se a estrada que fica a esquerda e por esta se continua athe confrontar com o Capam da Clara: aqui muda-se de rumo e chegando-se ao Olho d'água, seguindo-se direitamente para Quiçaman, se vai pela mesma estrada athe o Curral de Macabu na Lagoa Feia: <(s) Aqui naõ ha outras, que a dos Pescadores, ou as do Mestre de Campo, e por isso naõ he seguida esta via, que para o ser dependeria de ser providenciada de outra sorte. Julgo que por esta parte se faria mais breve jornada>. Embarca-se e atraveça-se esta athe chegar ao Porto de Macucaan; e dalli entra-se na estrada deste nome e se paça a do Mato da Canoa, athé dar na Estrada grande, ja proxima a Villa passando-se por todos os lugares abaixo declarados.

Sumario das distancias que contaõ do Paulista para a Lagoa Feia e desta athe a Villa

		Legoas	Braças
Do Paulista a	Capam da Clara	1	440
	Olho d'água	1 3/4	460
	Fazenda do Carmo	2 1/2	270
	Quissaman	2 3/4	560
	Curral de Macabu	4 1/4	480
	Traveça da Lagoa the o Porto de Macucaan	6 1/2	670
	Curral da Catana	6 3/4	620
	Passagem Grande	7 1/4	610
	Corrego do Morobá	7 1/2	440
	Tremedal	8	460
	Corrego do Mondeo	8 1/4	460
	Corrego da Lagoa do Sedro	8 1/2	400
	Lagoa do Espinho	9 3/4	580
	São Salvador	10 1/2	110

Roteiro de São Salvador para o Rio Cabapuana

Na confrontaçao desta Villa, se passa o Rio para a parte Boreal, e logo seguindo a Estrada que beira a sua margem agoas [f.100] agoas abaixo, chega-se a valeta de Campos Novos, e destase passar para as Cacimbas <(*) Aqui necessariamente se ha de fazer pouso em alguã das pobres Cabanas, que parecer melhor / a do uzo geral ha a da Velha Gertrudes /, porque para diante athe Cabapuana, naõ há outras>. Daqui se aparta do Rio a Estrada, e cortando as restingas segue athe

o Corralinho, que he sahindo na praya de Gargaû: por esta se continua a viagem athe se chegar a entrada da Ponta do Retiro / que he huma pequena, e incensivel subida de morrinho /, e daqui sempre costeando o Mar por sima do Combro, se vai confrontar com Santa Catharina das Moz: de onde se entra por hum pequeno bosque, ficando a praya a direita, e se vai ter ao Rio, tendo-se passado por todos os lugares, que abaixo se declaraõ.

**Summario das distancias que
se contaõ de São Salvador athe Cabapuana**

De S. Salvador a		Legoas	Braças
	Barra Secca	2 1/4	560
	Lagoa das Frexeiras	2 3/4	180
	Valeta de Campos Novos	3 1/4	180
	Lagoa da Cacimbas	4	400
	Passage do Molemba	4 1/2	290
	Encruzilhada da Restinga do Xipó	5	660
	Curralinho	6	110
	Entrada do Certaõ	7	120
	Ponta de Guaxindiba	7 1/2	30
	Ponta dos Manguinhos	7 1/2	730
	Lagoa Carahi	9 1/2	110
	Entrada do Retiro	9 3/4	150
	Rio Salgado	10 1/4	490
	Lagoa Doce	10 1/2	240
	Santa Catherina das Mos	10 1/2	670
	Porto de Cabapuana	11	140

Roteiro de São Salvador
para a Villa de São João da Barra.

Sahindo-se de São Salvador bem encostado a Margem do Rio pela Estrada que aborda para a parte de baixo, segue-se [f.101] sempre por ella athe as Valetas: Daqui se toma de dous Caminhos hum, ou hindo sempre seguindo o Rio athe o Ganguela, e deste ponto passar ao Porto escuro, e depois a Villa: ou entrando pelo Campo do Pasteleiro passar as Valetas de Tay pequeno, sahir ao Campo de Tay, e entrar por entre bosques athe a Villa. Qualquer destas vias saõ infadonhas no tempo de chuvas; e fora destas ha outras muitas passagens, por ser o Campo aberto.

Do primeiro Caminho, he que unicamente tratamos agora, ainda, que he menos frequentado, por incuria dos moradores, que o poderiaõ fazer bom, se construissem nos brejos, e Corregos as pontes precizas, com o que veriaõ a colher huma mais prompta comunicaãao para huma, e outra Villa. As distancias dos pontos, ou lugares intermedios, se indicaõ abaixo.

**Sumario das distancias, que
Se comprehendem de hum a outros lugares entre as duas Villas.**

		Legoas	Braças
De S. Salvador a	São Martinho	¾	350
	Valetas	2	650
	Barra do Caeta	2 3/4	250
	Ganguela	3	310
	Valeta de São João	4	30
	Valeta do Meio	4 1/2	60
	Porto Escuro	4 3/4	100
	Villa de São Joaõ	5 1/4	...

**Roteiro da Villa de São Salvador
para a Lagoa de Jezus, e Capam do Louro.**

Seguindo-se pela Estrada do Queimado, que he a mais propria e direita para os lugares mencionados, naõ tem outro embarasso que a passagem do Rio Ururay, aonde necessariamente se deixa edificar uma ponte bem fortificada para rezistir às violencias das agoas nos tempos de grandes inundaçoeñs.

[f.102] **Sumario das distancias**
contadas da mesma Villa aos lugares declarados

		Legoas	Braças
De S. Salvador a	A incruzilhada do mato da Canoa		670
	Corrego de Areia	1/2	650
	Corrego do Sol	3/4	100
	Corrego da Nata	3/4	330
	Corrego Fundo	3/4	490
	A incruzilhada dos Guarulhos	1	280
	Engenho do Copi	1 1/2	600
	Rio Ururay	2 3/4	340
	Corrego do Madruga	3	20
	Capela de N. Senhora do Carmo	3 1/4	50
	Corrego do Fingidor	3	20
	Lagoa de Jezus	3 1/2	490
	Capam do Louro	3 3/4	498

**Roteiro de São Salvador para
o Porto dos Guarulhos e Lagoa de Sima.**

Pela mesma Estrada do Queimado, entra-se na dos Guarulhos at the o Porto deste no Ururay; e deixando-se o Rio da parte esquerda, ora se chega perto da sua Margem, ora se afasta mais a Estrada at the passar na sua barra, ou confluencia, com a Lagoa de sima.

Sumario das distâncias.

De S. Salvador a	A incruzilhada dos Guarulhos	1	280
	O Porto destes	1 1/2	690
	O Rio Preto	2	450
	Barra da Lagoa	2 1/4	5

[f.103] Roteiro de São Salvador para

o Sertaõ do Rio Preto, ou Paraiba

Segue esta Estrada ao Poente sempre encostada a Margem do Rio Paraiba, passando pelos lugares abaixo nomeados: he huma das mais bellas de todo o Distrito.

**Sumário das distâncias da
Villa at the a entrada do Sertaõ**

De S. Salvador a		Legoas	Braças
	Santa Cruz	1 1/4	410
	O Rio Preto	2 3/4	620
	Boa Vista	3 3/4	350
	O fim da Estrada	4 1/2	400

**Roteiro da Villa de São Salvador,
navegando-se pelo Paraiba at the a Ilha do Romaõ.**

Faz-se esta viagem de dous modos ou embarcando-se logo no Porto da Villa, ou caminhando-se a Cavallo pela Estrada Beira Rio asima, at the o fim della <(t) Deste ponto naõ ha Estrada geral, para São Fideliz: andava o povo habitador deste contorno na diligencia de a abrirem, mesmo pela Margem do Sul do Paraiba>, aonde entaõ se pode o viajante embarcar, porem de huma, ou de outra sorte ordinariamente se faz pouzo, neste lugar, ou no Engenho de Angelo da Silva, e no dia seguinte, se vai sem muito trabalho a Aldeia de São Fideliz aonde necessariamente se ha de pernoitar. No dia seguinte, continua-se a viagem, e tendo-se andado pouco menos de Meya legoa, chega-se ao Caxoeiro grande, e se descarrega a canoa, para passala a força de brassos, e depois torna-se a carregar, e continua-se a viagem, que ja principia a ser muito trabalhoza pelos pricipios, que se encontraõ em tantas Caxoeiras a Ytaupavas: por esta cauza pouco se adianta a jornada, e vai-se pernoitar a Aldeia o Joaõ <(*) O Joaõ foi hum Indio velho Coroado, que levantou alli huma caza grande, na qual ainda rezidem alguns pagoens: nella estive 7 dias por cauza de chuvas; e com bem

sobresaltos; porque os Indios eraõ muitos> e daqui passando-se por mayores perigos vai-se a Ilha de Romaõ <(u) Hum criminozo chamado Romaõ antigamente refugio-se nesta Ilha com o temor da justiça: e deste lhe ficou o nome>

**[f.104] Sumário das distâncias que
se contaõ pelo Rio de São Salvador à Ilha do Romaõ**

	Legoas	Braças
Angelo da Silva	4 1/2	350
Rio do Colegio	7	...
São Fideliz	8 1/2	430
Caxoeiro grande	9	130
Dous Rios	10 1/2	70
Aldea do Joaõ	11 3/4	250
Corrego do Robalo	12 1/4	70
Ilha do Romaõ	13 1/4	400

Concluzaõ

No que respeita as Viageñs terrestres para outros muitos sitios mais próximos, as duas Villas deste Districto; todas se podem ver no Mappa, em que vaõ declaradas as correspondencias de suas Estradas. Hemquanto as navegaçoeñs dos Rios Macahé, Macabu, Ururahi, Embé, e Moriahe, saõ todos desembaraçadas; emquanto se naõ chega aos seos Caxueiros, que todos tem, Menos o Ururahi. E porque a mayor parte delles, estaõ despovoados, desnecessario se faz prezente mente formar Roteiro para cada hum. Quem os quer viajar, se dispoem a durmir por baixo dos Matos, por naõ haver outro remedio.